

A DINÂMICA COMUNICATIVA DOS SÍTIOS *WEB* DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR POLICIAL E MILITAR

Maria Clara Cunha
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
mcastro@iscap.ipp.pt
Portugal

Resumo

Neste artigo procuramos refletir sobre a forma como as instituições de ensino superior policial e militar comunicam com os seus públicos através dos respetivos sítios web. Para esse efeito, recorrer-se-á sobretudo ao enfoque epistemológico do Interacionismo Sociodiscursivo, no âmbito da Linguística do Texto e do Discurso.

Abstract

This paper aims at reflecting upon the way military training academies communicate with their target audiences through their websites. Text Linguistics and Discourse Analysis is the underlying theoretical framework which provides the grounding for the Socio-Discursive Interactionism approach that was chosen.

Palavras-chave: Sítio web, Comunicação em meio digital, Texto, Representações

Key words: Website, Digital media communication, Text, Conceptions

A Linguística do Texto e do Discurso constitui a moldura de inscrição epistemológica do presente artigo, tendo como insígnia a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2007)¹. Esta abre novos percursos de indagação dos textos, concretamente assumindo que a atividade de linguagem se produz no devir histórico-social, sendo aqueles, enquanto produto verbal da interação humana, mediadores desta ação/atividade e representantes dela.

O ISD procura demonstrar que as práticas de linguagem situadas são os maiores instrumentos do desenvolvimento humano, tanto sob o ponto de vista do conhecimento e do saber como em relação às capacidades de agir e da identidade dos indivíduos. Neste quadro importa compreender o funcionamento e as especificidades, designadamente do agir verbal que conduz à emergência de espaços gnoseológicos, pelo que se deseja contribuir para o entendimento do que a Internet proporciona em termos de realização efetiva desse mesmo agir, que se faz através dos textos (incluindo tanto a dimensão verbal como a não verbal²) servindo-nos, para tal, de sítios *web* de instituições de ensino superior militar e policial portuguesas.

Reconhecendo-se que os textos são objetos complexos e plurissemióticos, associados a atividades (quer gerais quer de linguagem), à conduta de agentes (quer individualizados quer coletivos), ao uso dos recursos e ao respeito pelas regras de funcionamento de uma língua e construídos em conformidade com modelos prévios disponíveis, justifica-se enveredar, à partida, por uma abordagem metodológica descendente (cf. Bronckart 2007), isto é, do agir para as atividades e destas para a organização microlinguística. Contudo, mostra-se também necessário invocar uma orientação bidirecional, que inclua uma via inversa (ascendente), isto é, da estrutura dos textos, dos recursos linguísticos que estes mobilizam para chegar ao género em que se incluem e às facetas da identidade do agir das instituições³.

¹ Doravante referida pela sigla ISD.

² Esta vertente, contudo, não será explorada neste trabalho.

³ Não é finalidade deste artigo demonstrar este percurso com detalhe, mas, sim, focar os resultados que se podem obter.

Por outro lado e considerando que a produção de textos catalisa as representações que o sujeito tem do contexto de ação e o seu conhecimento real de diferentes géneros, tentar-se-á descrever sucintamente de que modo é que os textos e os géneros dão conta de um agir institucional.

Chegados aqui, gostaríamos de elencar um conjunto de questões/problemas de investigação que apontam para a natureza complexa e polifacetada da atividade de linguagem na Internet e que podem conduzir à equação de alguns eixos de reflexão/análise:

- Como se configura, em termos linguísticos, o agir institucional na Internet?
- Como se estabelece a identidade de cada agir institucional?
- Que públicos são visados?
- Quais as características dessa interação?
- Qual o papel desempenhado pela Internet?
- Que relação há entre os modos do agir (forma como a instituição descreve o seu agir) e os textos empíricos que as instituições produzem?
- Que géneros de texto estão mais associados às atividades institucionais?
- E como é que os textos retratam o seu agir específico?
- Os traços esperados relativamente a um dado género variam consoante a instituição?
- Quais os aspectos mais tematizados do conteúdo referencial desse género?
- A arquitetura dos sítios *web*, a sua estrutura de navegação e a sua interface gráfica influem no modo como as instituições se dão a conhecer?
- A combinação e a disposição nos sítios *web* dos elementos não verbais e das unidades linguísticas resulta em que tipo de atitude/predisposição por parte das entidades?

O ângulo metodológico que o ISD favorece – marcadamente sensível às variáveis externas e contextuais das produções verbais – leva-nos a encarar o

texto como produto da atividade humana, ligado às necessidades, interesses e condições de funcionamento das formações sociais em que é produzido, considerando-se como uma unidade comunicativa global, de nível superior, cujas características de composição dependem das propriedades das situações de interação, das atividades e das condições histórico-sociais da sua elaboração.

No entanto, importará sinalizar que estamos a viver numa época de maior variabilidade, com bastantes desafios para explorar, designadamente a necessidade de desenvolver métodos/estratégias/ferramentas que nos permitam conhecer e trabalhar (sobre) os textos no ambiente mutante que é a Internet e para isso sugere-se o recurso adicional a outras perspectivas/autores, sumariamente indicada/os em seguida:

- o A Gramática Sistémico-Funcional (Halliday & Matthiessen, 2004).

A sua matriz social centra-se nos usos da linguagem em sociedade; por consequência, considera os aspetos pragmáticos do uso da língua, associados à forma como esta atua no contexto social e à influência que este exerce na sua configuração (contemplando itens como as necessidades, as atividades, os propósitos, as estratégias, o tipo de papel dos indivíduos | instituições, as mudanças neles ocorridas), tendo como conceito base a “função”. Assim, a forma linguística é determinada pela função no sentido em que a organização interna da linguagem se dá em termos das funções que ela deve desempenhar na vida social.

- o A Gramática [do design] visual (Kress & Van Leeuwen, 1996).

Saída da Escola de Halliday, é uma teoria que permite uma abordagem do não verbal, na perceção das motivações e efeitos da seleção de determinadas cores, imagens, formas, sons, recursos tipográficos, etc. Estes códigos semióticos merecem ser valorizados e importa compreender porque surgem – isolados ou em conjunto – e como captar os diferentes sentidos que podem desencadear.

Uma vez que a estrutura visual é polissémica por natureza, este instrumento teórico pode ajudar a reduzir esse traço e assim permitir uma apreensão mais profunda dos conteúdos objetivos dessa mesma estrutura.

- o Não menos importante, e em torno dos tópicos que emergem da comunicação mediada por computador, elegem-se alguns autores, de que se destacam: Marcuschi (2003, 2005a, 2005b, 2007a, 2007b, 2008) Pierre Levy (1999, 2011), Pollyana Ferrari (2007, 2010), Alex Primo (2000, 2007, 2008) e David Crystal (2001, 2006).

Os estudos por eles realizados permitem compreender melhor a natureza, as feições e a dinâmica comunicativa dos sítios *web*. A título de exemplo, o conceito de 'hipertextualidade' reveste-se da maior relevância na esfera digital pois remete para uma nova modalidade linguístico-textual que amplia as possibilidades da interação, gerando um dispositivo comunicativo próprio e não apenas a simples materialidade de um novo tipo de tessitura textual; com efeito, as estratégias de hipertextualização dos textos/géneros digitais alimentam determinadas finalidades comunicativas de grande impacto.

O hipertexto encarna uma nova forma de textualidade, dir-se-á 'líquida', baseada na capacidade de penetração e irradiação de um texto marcado por relações que abrem portas para novos patamares de sentido. Os efeitos da multilinearidade e da fragmentação que os sítios *web* proporcionam a este nível pautam-se pela total flexibilização, o que põe em causa os princípios aristotélicos do texto. Os itinerários do leitor/utilizador são distintos, subordinando-se a uma lógica de interesses/necessidades/condições do momento, quase sempre de ordem associativa e não hierarquizada que podem, no entanto, conduzir a uma leitura interminável e circular, que deriva dos caminhos do imediatismo (do aqui|agora) e que subverte as regras consagradas do texto em papel. A relação intertextual fica escancarada e interrompe a ordem linear de leitura. A descodificação dos conteúdos acompanha esses itinerários não sequenciais, o que, por sua vez, sublinha-se, é a base da máxima conectividade.

As instituições de ensino que analisaremos brevemente neste artigo foram escolhidas tendo em conta certos fatores, nomeadamente: uma organização própria, propósitos específicos, a função social que desempenham, o grau de amplitude da sua atuação, práticas, normas e valores que as definem, o que à partida se presume que se reflita na forma como se dirigem aos seus públicos externos, como constroem a interação com os utilizadores (efetivos, potenciais, ideais).

Apresentar-se-á um desenho resumido das páginas *web* das instituições bem como a compilação de alguns dados que já permitiram detetar e aflorar certas conclusões, que são também propostas⁴.

Em síntese, assume-se neste trabalho uma perspectiva de análise que se baseia no trinómio “arquitetura – interface gráfica – atividade de linguagem”.

Academia da Força Aérea

<http://www.academiafa.edu.pt/index.php>

Verifica-se apenas o acesso a formulários de candidatura/recrutamento; legislação variada (decretos-lei, portarias e despachos). Os órgãos de gestão dão-se a conhecer somente em organogramas não nominais sob a designação de “estrutura orgânica” num separador intitulado ‘ORGANIZAÇÃO’. Todas as áreas de texto encontradas são meramente descritivas e sem quaisquer hiperligações, sendo que é inexistente qualquer tipo de repositório documental. Como pormenor curioso, há a referir uma mensagem de boas-vindas do comandante da Academia a que se junta a sua biografia (no menu secundário).

Todavia, o sítio web tem dois menus horizontais de navegação tipo drop-down: um primário e outro secundário, respetivamente com sete (que, por sua vez, se desdobram em subníveis que variam entre os três e os sete) e oito separadores, que permitem uma navegação organizada e funcional.

⁴ A recolha de dados foi efetuada entre Abril e Maio de 2012.

Academia Militar

<http://www.academiamilitar.pt/>

Os géneros de texto disponibilizados no portal são: a revista da Academia Militar (denominada Proelium), manuais e curtas monografias sobre assuntos distintos (que aparecem num dos subníveis da secção ÓRGÃOS, que deriva do separador principal ACADEMIA MILITAR) e inúmeros relatórios académicos (que se acham na secção AVALIAÇÃO DO ENSINO que provém do separador principal ENSINO). Há também um formulário de contacto e na opção ESTUDOS PÓS-GRADUADOS existem regulamentos de mestrado e normas para a execução de trabalhos académicos; na página inicial existe uma zona visível para últimas notícias. Novamente, surge uma saudação do Comandante assim como as sínteses curriculares deste e do 2º Comandante, na secção ÓRGÃOS.

Os órgãos de gestão estão identificados deste modo: Comandante e 2º Comandante – já mencionados – e a Direção de Ensino, que se subdivide em cinco Departamentos de Ensino, em quatro destes estão nomeados os responsáveis (somente o Departamento de Línguas Estrangeiras não apresenta ninguém), não se fazendo referência a qualquer outra entidade.

Este sítio web também ostenta dois menus horizontais de navegação tipo drop-down: um primário e outro secundário, respetivamente com sete (que, por sua vez, se desdobram em subníveis que variam entre os cinco e os sete, alguns dos quais orientam o utilizador para áreas adicionais de conteúdo) e seis separadores. O desenho da navegação possibilita aceder a mais áreas pesquisáveis, que estão bem identificadas, porém algumas apresentam-se sem qualquer informação.

Escola Naval

http://escolanaval.marinha.pt/PT/Pages/escolanaval_homepage.aspx

Através do sítio web podem encontrar-se apenas os seguintes géneros de texto: biografia do comandante e normas regulamentares de mestrado, alojados

em diferentes apontadores (ESCOLA NAVAL e ENSINO respetivamente) da homepage; aqui aparecem, igualmente, notícias e a mensagem de acolhimento do comandante. Os órgãos de governo da instituição surgem com a denominação “Constituintes da Escola Naval” e representam-se em diversos organogramas não nominais num separador denominado ‘ORGANIZAÇÃO’.

Na página inicial, a navegação faz-se a partir de um menu lateral com seis separadores tipo drop-down que se abrem para vários subníveis, que variam entre os três e os sete. Todavia a usabilidade não é a melhor, pois o cibernauta ao dirigir-se para qualquer um dos subníveis perde o acesso à barra de navegação principal e o retorno a ela nem é simples nem eficiente. Regista-se alguma redundância na informação disponibilizada.

Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna

<http://www.iscpsi.pt/>

Trata-se de uma página muito longa, sendo necessário fazê-la deslizar verticalmente para ver todos os conteúdos. Aqui, o internauta tem acesso direto à newsletter e a duas revistas (Politeia e a Revista Brasileira de Ciências Policiais).

Entretanto, os outros géneros de texto a que se proporciona acesso são: no âmbito do campo ADMISSÃO (apontador que consta do menu principal) surge a maioria – formulário de candidatura, portaria com as condições de admissão, declarações, calendário do concurso de admissão; apenas resta uma mensagem de receção e de apresentação da instituição pelo Superintendente que a dirige.

A informação respeitante aos órgãos de liderança da Escola que deveria surgir na opção ORGANOGRAMA, pertencente à rubrica da barra do menu principal intitulada O INSTITUTO, está completamente ausente, aliás este não é caso único visto que há diversas hiperligações do sítio web que não estão operacionais, o que causa uma impressão de desleixo e desatualização.

O menu da página, tipo drop-down, agrega oito botões que, por sua vez, apontam para um número de opções que variam entre as quatro e as nove, algumas das quais se desdobram noutras subopções.

Escola do Serviço de Saúde Militar

<http://www.exercito.pt/SITES/ESSM/Paginas/default.aspx>

Não tem um sítio *web* autónomo uma vez que está integrada no portal do Exército, sendo possível chegar a esta instituição de ensino superior universitário através do apontador FORMAÇÃO, visível na barra de navegação principal, e após clicar no *link* com o seu nome. O menu tem um formato estático pelo que todas as rubricas (num total de nove) estão sempre visíveis, o utilizador apenas tem de nelas clicar para ver os conteúdos. O único género de texto que se pode encontrar é a Revista Portuguesa de Saúde Militar, que está disponível para consulta.

Os órgãos dirigentes são desconhecidos, só aparece um organograma não nominal no separador ORGANIZAÇÃO.

A informação é limitada e em alguns casos bastante antiga, há elementos que remontam a 2005. Não há nenhum acervo de documentação disponível.

Seguidamente, apresenta-se, em quadro, os géneros de texto encontrados nos sítios *web* das instituições de ensino militar visitadas:

Géneros de texto	Academia da Força Aérea	Academia Militar	Escola Naval	Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna	Escola do Serviço de Saúde Militar
biografia	●	●	●		
boletim				●	
calendário				●	
declaração				●	
decreto-lei	●				
despacho	●				
formulário de candidatura/recrutamento/contacto	●	●		●	
manual		●			
mensagem de boasvindas	●	●	●	●	
monografia		●			
<i>newsletter</i>				●	
normas		●	●		
notícias		●	●		
portaria	●			●	
regulamento		●			
relatório		●			
revista		●		●	●

Os principais factos constatados revelam que, por um lado, a variedade de géneros de texto é escassa; por outro lado, os géneros – cuja ocorrência está assinalada a cor e é demonstrativa dos prevalentes – são de natureza diferenciada.

Perante estes elementos, levantam-se algumas interrogações:

- Como é que a identidade do agir institucional se constrói através de géneros de texto diferentes?
- Como se reconhecem nos textos estes modos de agir?
- Há alguma influência da estrutura e da operacionalização dos sítios *web* na forma como a entidade se dá a conhecer?

Tentaremos, brevemente, aduzir algumas conclusões.

É inquestionável que as instituições militares apresentam características próprias que as diferenciam das da sociedade civil, nomeadamente na relativa autonomia de que gozam bem como na especificidade da identidade e do espírito militares, patentes em rituais, simbologia, posturas, prescrições, valores, etc., só para referir alguns destes componentes.

Ao advento da sociedade de informação não ficou alheia a esfera militar, situação que pode ser comprovada pela presença das suas várias organizações na Internet, nomeadamente na *WWW*.

O que parece ter mudado

- Uma das mais intensas pressões exercidas sobre a educação e o ensino, atualmente, é a crescente necessidade de acesso a informação e conhecimento, a par de uma mudança de abordagens/metodologias e o alargamento da oferta formativa (quer em áreas científicas quer em graus académicos). As novas modalidades de comunicação vieram alterar o paradigma do ensino tradicional para atender às exigências do mundo contemporâneo, sobretudo o ocidental, em que recursos tecnológicos em constante evolução permitem ao ser humano interagir como, quando, onde e ao ritmo que desejar.

- Este novo estado de coisas veio mitigar o distanciamento entre o setor militar e a comunidade paisana pois a Internet facilita e promove a aproximação, virtual, das pessoas às entidades (mas não desfaz por completo tradições/barreiras instituídas) potenciando o fortalecimento de atributos diferenciais que de outro modo estariam mais acantonados ou mesmo vedados.

Esta abertura desvenda, também, algo da dimensão mais privada das instituições militares de ensino (as rotinas, os laços, as solenidades, as praxes, as iniciativas...). De notar, contudo, que em nenhum dos sítios *web* se facultam, por exemplo, documentos que reflitam decisões ou disposições regulamentares internas.

- De qualquer forma, o perfil das unidades de ensino, as candidaturas *online*, as visitas guiadas virtuais, apenas para aludir a alguns exemplos, permitem um acesso e um conhecimento institucional que nunca existiu antes da Internet.

- A linguagem mudou, seja no modo como a instituição se dá a conhecer seja na forma como interpela quem visualiza as suas páginas, sobretudo o potencial candidato (aliás, pensando nele, quase todas disponibilizam formulários de candidatura/recrutamento/contacto), criando um clima de envolvimento, acessibilidade e dinamismo – veja-se o predomínio das mensagens de boas-vindas acompanhadas das biografias do comando de topo das Escolas, num esforço de comunicação notório reforçado por galerias de imagens, objetos multimédia e até a presença nas redes sociais (*facebook*). Em duas das Escolas (Academia Força Aérea e Escola Naval) promovem-se, igualmente, sinergias externas materializadas em projetos, convénios, protocolos, parcerias com entidades internacionais congéneres e não só.

O que parece permanecer intacto

- Uma tríade “visão | missão | estratégias” bem definida, que traduz uma mobilização coletiva numa direção [futura] comum, estribada num lastro passado orgulhosamente assumido, o que torna a trajetória da organização coerente, orientada para prioridades e num alinhamento acertado com as metas/aspirações corporativas que intenta concretizar.

- A exaltação da imagem e do funcionamento destas prestigiadas instituições de ensino, em que se enaltece a excelência e a dedicação na (re)qualificação dos recursos humanos militares, pautada por elevados padrões de

proficiência e motivação, que os prepara para, com brio, servirem dignamente a nação.

- O conceito de educação – que se afigura mais amplo do que no meio civil – incorpora ensino, cultura, investigação, adestramento e recreação, que coabitam num mesmo espaço. De salientar que quase todas estas unidades de ensino funcionam em regime de internato.

- Um repositório de representações, convicções, preceitos, comportamentos e mecanismos simbólicos dominantes que plasmam uma identidade, uma estrutura de caráter, uma doutrina e uma cultura profissional características e homogêneas com vista a que o indivíduo tenha consciência plena do seu papel militar, tais como: hinos, grito do aluno, heráldica, códigos de honra, divisas, patronos, cerimónias (desfiles, juramentos, bailes de gala)... As próprias cores dos sítios *web* espelham as dos brasões/armas da instituição (que oscilam entre o azul, o vermelho e o verde).

- A morfologia das instituições (feita de muros, sentinelas, uniformes, práticas ...) e a lógica de um sistema, pois são organismos que continuam a ser muito fechados e hierarquizados ainda que menos endogênicos do que já foram, uma vez que já se voltam para o exterior.

Procurou-se neste artigo, de modo esquematizado, em consonância com o quadro epistemológico delineado apontar para uma caracterização dos sítios *web* de natureza institucional, em particular de instituições de ensino militar e policial. Mostra-se necessário encontrar uma moldura explicativa que considere o caleidoscópio de textos, agentes, linguagens, experiências e mundos para que a *web* catapulte e proponha uma visão que permita ampliar a compreensão do objeto de pesquisa, desenhada por uma conceção indissociável dos usos da linguagem, da relação que os indivíduos têm entre si, com o que os rodeia e com o que neles interfere.

Proceder a um estudo desta índole parece premente hoje, uma vez que se verifica um funcionamento diferente das relações (inter)subjetivas no espaço virtual, relações essas que se repercutem nos domínios da experiência coletiva e individual. A relação com o mundo e com os outros, com os nossos modos de

agir e de reagir está incrustada na prática da linguagem e as novas tecnologias estão ao serviço destas necessidades/exigências/aspirações. Para as instituições é, igualmente, um modo de se tornarem [mais] visíveis, de demonstrarem as suas vantagens competitivas, de alargarem a sua esfera de influência e de promoverem um *ethos* discursivo que lhes confira um posicionamento estratégico e de prestígio.

Não nos interessa o aparato tecnológico que as soluções proporcionadas e potenciadas pela Internet e pelos ambientes móveis nos dão, mas as possibilidades de interacção, experimentação, (inter)conhecimento, cooperação e aproximação entre as pessoas e estas e as instituições. Importa ultrapassar o patamar das aparências e do tangível para descobrir o(s) sentido(s) – nas aceções complementares de ‘significado’ e de ‘direção’ – das experiências polimorfadas da comunicação *online*.

Referências bibliográficas

ADAM, Jean-Michel (2001). “En finir avec les types de textes” in Ballabriga, M. *Analyse des discours. Types et genres: Communication et Interprétation*. Toulouse: EUS, pp. 25-43.

ARAUJO, J. C., Biasi-Rodrigues, B. (orgs) (2005). *Interação na Internet. Novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

ASKEHAVE, Inger, Nielsen, Anne Ellerup, (2005). What are the Characteristics of Digital Genres? - Genre Theory from a Multi-modal Perspective, in *Proceedings of the 38th Hawaii International Conference on System Sciences*

(<http://www.mendeley.com/research/characteristics-digital-genres-genre-theory-multimodal-perspective/>, consultado em Novembro 2011).

BRONCKART, Jean-Paul (2007). *Atividade de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo sociodiscursivo*, 2ª ed. São Paulo: EDUC.

CASTANYER, Laura Borrás (ed.) (2005) *Textualidades electrónicas. Nuevos escenarios para la literatura*. Barcelona: Editorial UOC.

COUTINHO, Antónia (2005). Para uma linguística dos géneros de texto. *Diacrítica* 19 (1), pp. 73-88. (http://ceh.ilch.uminho.pt/diacritica_ling1.htm, consultado em Novembro 2011).

COUTINHO, Antónia (2006). O texto como objecto empírico: consequências e desafios para a linguística. *Veredas* 10 (1-2).

(http://www.4shared.com/document/xgF6D_7X/COUTINHO_M_A_O_texto_como_obje.html, consultado em Novembro 2011).

COUTINHO, Antónia (2007) *Descrever géneros de texto: resistências e estratégias*. IV Simpósio Internacional de Estudos de Géneros Textuais (SIGET). Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Santa Catarina, Brasil

(http://www.4shared.com/document/3VjtikIC/COUTINHO_A_Descrever_gneros_de.html, consultado em Novembro 2011).

COUTINHO, Maria Antónia & Miranda, Florencia (2009). “To describe textual genres: problems and strategies“. In Bazerman, Ch., Figueiredo, D. & Bonini, A. (orgs). *Genre in a Changing World. Perspectives on Writing*. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press, pp. 35-55. (<http://wac.colostate.edu/books/genre/>, consultado em Janeiro 2012).

CRYSTAL, David (2006). *A Revolução da Linguagem*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro

CRYSTAL, David, (2001). *Language and the Internet*. Cambridge: CUP (Spanish translation, 2002, *El lenguaje e Internet*, Madrid: CUP.

DILLON, A. and Gushrowski, B. (2000) “Genres and the Web - is the home page the first digital genre? “ *Journal of the American Society for Information Science*, 51 (2), pp. 202-205.

FERRARI, Pollyana (2010). *A força da mídia social: interface e linguagem jornalística no ambiente digital*. 1. ed. São Paulo: Factash.

FERRARI, Pollyana (org) (2007). *Hipertexto, Hipermídia*, São Paulo: Editora Contexto.

HALLIDAY M. & Matthiessen C. (2004). *An Introduction to Functional Grammar*. Londres: Hodder Education.

KRESS, G. & Van Leeuwen (1996). *Reading Images: Grammar of Visual Design*. Londres: Routledge.

LEAL Audria & Gonçalves, Matilde (2010). *A Interação em Gêneros Textuais: Do Cartoon ao Web-site*. Anais do IIº Congresso Internacional de Linguagem e Interação. São Leopoldo. Brasil.

LEVY, Pierre (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

LEVY, Pierre (2011). *La sphère sémantique - Tome 1, Computation, cognition, économie de l'information*. Paris: Hermès.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2007a). *Cognição, Linguagem e práticas internacionais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2007b). *Fenômenos da Linguagem: Reflexões Semânticas e Discursivas*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, (2005a). "Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação" in Karwoski, Acir M.; Gaydeczka, Beatriz; Brito, Karim S. (orgs): *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. União da Vitória, Kaygangue, pp. 17-33.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, Xavier, Antônio Carlos (2005b), *Hipertextos e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2003). "Gêneros textuais: definição e funcionalidade" in Dionísio, A. et al. (orgs). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 19-36.

MILOŠ Kudelka, Václav Snašel, Zdenek Horák, Ajith Abraham (2009), "Web Site Description Based on Genres and Web Design Patterns" *SOCINFO '09, International Workshop on Social Informatics*, pp.68-73.

PINTO, Rosalice & Leal, Audria (2009). *A modalização nos gêneros textuais icônico-verbais*?. In *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies* 3. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, pp. 319-332.

PINTO, Rosalice (2006). As modalidades e os gêneros de texto: que previsibilidade. In Actas do III Encontro Internacional de Análise Linguística do Discurso. Braga: CHEUM, pp. 201-217.

PINTO, Rosalice (2009). Gêneros textuais em atividades sociais: uma abordagem epistêmico-linguístico-praxiológica. In: Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN v.1. João Pessoa, Ideia (CD-Rom publ.) vol. 1: 2461 – 2469.

(http://www.abralin.org/index.php?option=com_content&view=article&id=136:anais-2009&catid=39:outras&Itemid=93, consultado em Novembro 2011).

PRIMO, Alex (org) (2008). Comunicação e Interações. Porto Alegre: Sulina.

PRIMO, Alex (2007). Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina.

PRIMO, Alex (2000). Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo,

(<http://Web.findthatfile.com/download.php?m=&ID=7795&t=hPDF> , consultado em Outubro 2011).

THOMPSON, J. (2004). Introducing Functional Grammar. London: Arnold.

VAN LEEUWEN (2005). Introducing social semiotics. Routledge: Londres.

WARSCHAUER, Mark (2001). Language, identity and the Internet (<http://motspluriels.arts.uwa.edu.au/MP1901mw.html>, consultado em Dezembro

XAVIER, Antonio Carlos & Santos, Carmi Ferraz, O texto electrónico e os género do discurso (<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo56.pdf>, consultado em Dezembro 2011).